

## PORTUGUÊS OU PORTUGAYS: NHAIN, VIADO?

DAVI SANTOS DA SILVA <sup>1</sup>

ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho fundamenta-se em exemplificar a variedade linguística da comunidade LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros). Traz contribuições sobre o pajubá, a linguagem inclusiva de gênero e termos que são inicialmente usados como injúrias, são ressignificados e em alguns contextos têm papéis importantes na construção de resistências. Para tanto, foi empreendida uma metodologia de caráter qualitativo, em que realizamos uma revisão bibliográfica para identificar, descrever e estabelecer interpretações e implicações possíveis acerca das temáticas abordadas, que se embasaram em leituras de Jacques Derrida (2019), Judith Butler (2021, 2017), Mikhail Bakhtin (2000) e Gabriel Nascimento (2019).

**Palavras-chave:** Linguagens. LGBT+. Resistências.

### MONA, TENHO UM BAFÃO PARA TE CONTAR

A comunidade LGBT+ vem a cada dia ganhando destaque nos estudos de pesquisadores do mundo acadêmico. A mídia também tem um papel importante para difundir informações sobre as pessoas desviantes de gênero. Novelas, filmes, séries e dentre outras produções abordam a questão de gênero e sexualidade das pessoas LGBT+, e para mostrar a diversidade, o processo linguístico também é exemplificado através das linguagens verbais e não verbais.

Este trabalho articula os aspectos linguísticos apresentando o pajubá, a linguagem inclusiva e o uso de termos que são ressignificados, ambos são códigos linguísticos da comunidade LGBT+, que são usados como resistência no processo de abjeção deste grupo subalterniz@dxs.

Por fazer parte do movimento LGBT+ do município de Catu, convivo diariamente com a comunidade que usa o pajubá, linguagem inclusiva, e termos diversos, como bicha, sapatão, mona<sup>3</sup>, viado, maricona<sup>4</sup>, o qual me despertou a curiosidade de saber a origem e a apropriação dessa linguagem por este grupo.

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, [david15silva@hotmail.com](mailto:david15silva@hotmail.com); bolsista pela FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Processo nº 072.4195.2022.0012386-57).

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Ciências da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, [alexandre.pro@gmail.com](mailto:alexandre.pro@gmail.com).

<sup>3</sup>Mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino (VIP, A; LIBI, F, 2006).

<sup>4</sup> Homossexual idoso (VIP, A; LIBI, F, 2006).

Atrelado a variação linguística, considero que esses termos compõem um vocabulário que efetivam a comunicação das pessoas LGBTs+.

*(...) seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionário ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2000, p. 326).*

Considerando a abordagem realizada por Bakhtin (2000), trataremos as linguagens utilizadas pela comunidade como uma língua que o importante é justamente o seu processo de comunicação e entendimento. Fator que acontece entre os LGBT+ de maneira exemplar, no qual o entendimento é mútuo.

Sapir (1980), afirma que a linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos.

Pensando na variedade da linguagem da comunidade LGBT+, observamos que o conceito abordado é um pouco vago, visto que extrapolam os limites estabelecidos pelos conceitos de alguns linguistas. A linguagem mostra um processo importante de interação dos indivíduos que vai além do ato de se comunicar, mas uma interação consistente e com trocas diversas.

Conforme o título, no qual temos uma analogia do Português e Portugay, fizemos essa relação atribuindo que as linguagens utilizadas pela comunidade LGBT+, são uma variação linguística da língua portuguesa que em sua essência segue uma gramática normativa.

O portugay, sendo assim, são todas as linguagens que a comunidade LGBT+ utiliza na tentativa de uma linguagem que inclua a todos, independentemente da sua orientação sexual e identidade de gênero.

O escrito foi dividido em três seções. A primeira com o título: “Bicha, Viado, Sapatão!” e mostra um pouco o processo de ressignificação de termos injuriosos que se tornam ações de luta contra o opressor; a segunda seção, “Vamos Aquendar a Neca?”, mostra uma contextualização através de revisão bibliográfica do pajubá, a linguagem secreta da comunidade LGBT+; a terceira seção de título: (@, es, xs) Linguagem Inclusiva, aborda em linhas gerais, aspectos importantes da linguagem inclusiva e algumas especificidades da temática, em Nhain mona, acabou foi? Apresento algumas considerações parciais sobre as linguagens da

comunidade LGBTQ+.

## **BICHA, VIADO, SAPATÃO!**

Ao pronunciar alguns termos em alguns momentos ele pode assumir significações diversas. Dependendo da forma de como é pronunciado e o contexto, esse termo pode assumir uma qualidade, uma relação amigável ou se tornar uma injúria.

1- Ei, viado! Viadinho! Vai para lá sua bicha.

2- Viado! E aí mulher? Que foi bichaaa?

Acima duas situações comuns na vida do homossexual. Na afirmação número 1, observamos como as palavras viado e bicha assumem um tom agressivo, injurioso. Porém, na afirmação 2 esse tom para as mesmas palavras é de um diálogo amigável entre duas pessoas LGBTQ+.

Desta maneira, dependendo do contexto, o uso de determinadas palavras ganha posições distintas e significados diferentes no discurso.

Ao analisarmos os termos bicha e viado, percebemos que eles, assim como outros termos, podem ser utilizados de diversas formas. O ato de ressignificar um termo pode ser uma das formas que esses nomes podem ser utilizados.

Gabriel Nascimento (2019) aborda esse processo com o termo negro em seu livro racismo linguístico, ao citar um artigo escrito por ele de título "Análise Semântica e Pragmática dos significantes neguinho (a) e nego(a) no século XIX e no mundo contemporâneo", enfatiza a questão do processo de ressignificação dos termos.

*Isso porque, no caso da Bahia, com população negra, quando um negro chama outro por "nego", ele não se submete à estrutura racista, mas ressignifica para si, e para a forma de se nomear e nomear seus iguais com as quais guarda correspondência de sobrevivência e resistência (NASCIMENTO, 2019, p.22).*

O processo de ressignificação que acontece com o termo negro, para a população LGBTQ+, esse processo se dará com alguns termos, como viado, bicha, viadinho, sapatão. Atrelado aos processos de ressignificação dos termos, a interseccionalidade aparece, um LGBTQ+ negro no contexto sofre com ambos os marcadores sociais, sendo assim, ambos precisam da ressignificação dentro dos

seus contextos, na tentativa de positivação dos termos.

Butler (2017), se utilizando de Foucault, pondera:

*Se Foucault argumentou que um signo não pode ser absorvido e usado para fins contrários àqueles para os quais foi projetado, é porque entendeu que até os termos mais nocivos poderiam ser apropriados, que as interpelações mais prejudiciais também poderiam ser o lugar da reocupação e da ressignificação radicais (BUTLER, 2017, p.87).*

Assim, o processo interpelativo pode sofrer variações diversas para com seu uso, saindo do seu processo original que pode ser injurioso e ser ressignificado, como também pode ser realizado o movimento contrário.

Entretanto, dar sentido ao nomear neste processo é uma ação de luta contra o opressor que usa o discurso injurioso para ofender. E utilizamos o discurso opressor e ressignificamos ao nosso favor. O sentido se transforma em um discurso reverso, tornando-se resistências frente as injúrias em um processo de positivação dos signos, movimento que acontece na prática, mas que teoricamente é previsto nas próprias relações de poder e resistência.

Há várias formas de ser gay e nomeações diversas, por exemplo, gay másculo, gay barbie, gay padrão e gay afeminada. Pensando na lógica heteronormativa, um gay másculo, padrão na sociedade, ela está seguindo uma lógica heteronormativa, pois está no padrão que se espera. Existe uma interrogação nessa imagem. Será que é? Será que, não é? Mas que para a norma não tem problema algum, visto que o padrão hétero está sendo seguido.

Quando uma gay afeminada realiza a mesma ação, algo diferente acontece, pois, essa gay transgride, transborda. A gay afeminada foge de todos os padrões que a heterossexualidade, a heteronormatividade pressupõe. A afeminada é a gay que em um processo normalizador fugiu da norma, como um descarrilamento e lembra que algo estabelecido fugiu das regras, deu errado. Essa ação mostra que dentro de um processo da lei do gênero, a monstruosidade, o pecado, o diabo, aparecem para dizer que existe algo anormal (DERRIDA, 2019).

Assim, termos como gay, bicha e viado assumem interpelações diferentes a depender de seu uso. Entretanto, o termo gay, automaticamente, já se refere a um padrão seguido, porém, ao ser relocado para viado, bicha, ou ser adicionado a

esse gay outros predicativos, a diferença do termo acontece.

A resistência então assume um papel fundamental para enfrentar uma sociedade que vive em um sistema binário, opressor e que tudo é baseado em um sistema de dualidades.

Entender esse processo de resistência, vai além de ser um ato ou efeito de resistir frente às investidas de poder, mas um processo que está dentro desse poder e que necessariamente precisa dessa resistência (BUTLER, 2017). O processo de resistência é cíclico e acontece nas relações em que o sujeito vive em *assujettissement*<sup>5</sup>, e assim resiste, existe e (re)existe em uma sociedade que exclui, maltrata, discrimina e agride todas as minorias. A resistência assume então um processo de repetição, que repete, repete e repete de modo diferente.

## VAMOS AQUENDAR A NECA?

Conforme argumenta Beniste (2011), pajubá ou sua variante bajubá é uma expressão iorubá de origem africana que significa “segredo” ou “mistério” que grupos LGBTQ+ posteriormente escolheram para nomear a linguagem utilizada pela comunidade. Vem das línguas Nagô e Yorubá faladas em países da África Ocidental, que chegaram ao Brasil via escravos africanos, assim como têm influências das línguas francesas e inglesas. Eles se repetem na prática das religiões afro-brasileiras, principalmente no Candomblé, que eram tradicionalmente espaços para minorias receptivas, como a comunidade gay, que passou a usar termos africanos e incorporar novas expressões no dialeto.

O pajubá, que pode ser conhecido como o código linguístico da comunidade LGBTQ+, gírias dos gays, linguagem das travestis e dentre outras denominações, surgiu inicialmente em um contexto da ditadura militar com o intuito de resistir frente ao governo da época. No início, só era falado por travestis e isso foi ganhando espaço até conquistar toda a população LGBTQ+, que utiliza o pajubá em diversos espaços.

O pajubá ganhou os espaços acadêmicos e diversos outros espaços, quando em 2008, o Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM, em uma das suas

---

<sup>5</sup>Termo da língua francesa que significa estado de dependência, de submissão (Larousse, 2007).

questões, abordava a linguagem secreta dos LGBT+s.

Figura 1- Questão do ENEM 2018

**QUESTÃO 31**

**“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis**

*Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade*

“Nhai, amapô! Não faça a loka e pague meu acuê, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acuê’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Víp e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: [www.midiamax.com.br](http://www.midiamax.com.br). Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha *status* de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- A ter mais de mil palavras conhecidas.
- B ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- C ser consolidado por objetos formais de registro.
- D ser utilizado por advogados em situações formais.
- E ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

Fonte: <https://s2.static.brasilescila.uol.com.br/enem/2021/06/questao-pajuba.jpg>

A questão do Enem que aborda inicialmente a linguística, exemplifica de maneira clara em seu texto a utilização do pajubá por travestis e gays, no qual ampliamos para a comunidade LGBT+, sendo assim, contextualiza que as línguas são variáveis e variam de acordo com o espaço, tempo e assuntos. Não precisamos pensar muito para adaptar nossa fala às circunstâncias, pessoas e faixa etária. E a questão do "dialeto secreto" é exatamente isso: adequação, contexto e comunidade de fala.

A fala do advogado em dizer que não usaria em uma audiência e afirmar que usa em ocasiões diferentes, mostra como a questão linguísticas de grupos específicos é muito forte no Brasil, evidenciando que entre os advogados existe um linguajar específico. Além disso, afirma que entre a comunidade LGBT+, o uso desta linguagem serve como algo que vem para representar, resistir e afirmar o processo indentitário dessas pessoas.

Um exemplo, que podemos citar de reafirmação das identidades, é quando uma pessoa LGBTQ+, sai do armário, ela procura agir de tal maneira para uma "aceitação" por parte dos seus pares, e a linguagem é um desses processos que também sofre a influência de perpassar adiante, as monas mariconas fazem esse processo de maneira natural.

Um vídeo que circula na plataforma do youtube<sup>6</sup>, intitulado: O que é pajubá? de Lorelay Fox, contextualiza o significado e história das palavras. Um dos aspectos importantes, é o momento em que a chuca<sup>7</sup> é abordada. Ela afirma que às bichas mais velhas explicaram para ela como realizar o procedimento como forma de ensinamento que deveria ser perpassado de pessoas para pessoas.

## **(x, @, xs, es), LINGUAGEM INCLUSIVA**

Quando falamos de gênero, existe uma série de coisas que vem a nossa mente, como gênero textual, gênero teatral, gênero masculino e feminino e assim percebemos a amplitude da palavra gênero. Porém, quando se ouve a palavra gênero, há uma difusão que sempre aparece e coisas se afastam.

*Assim que ouvimos a palavra "gênero", assim que ela aparece, assim que ousamos pensar nela, um limite se delineia. É quando um limite é fixado, a norma e o interdito não demoram a aparecer: "deve", "não se deve", diz o "gênero", a palavra "gênero", a figura, a voz ou a lei do gênero (DERRIDA, 2019, p.252).*

Realmente isso acontece em todos os espaços, e observamos que segue uma norma, um padrão que deve ser rompido. A linguagem inclusiva de gênero é justamente para romper com esses padrões binários que a sociedade patriarcal, heteronormativa impõe.

Considerando o vocabulário da língua portuguesa, temos uma questão sobre gênero, (masculino e feminino), e quando nos referimos a ambos, a flexão é do lado masculino, conferindo à língua uma qualidade machista que aparece colorida, racializada, classista e sexual em diferentes contextos. Nascimento (2019), em suas contribuições sobre preconceitos linguísticos, afirma que as línguas tenham

<sup>6</sup> **YOUTUBE.** O QUE É PAJUBÁ? - Lorelay Fox. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QJiHj5-ZhLo>. Acesso: 20 out 2022.

<sup>7</sup> Instrumento utilizado para a limpeza do reto; exemplo: use a chuca pra não passar cheque (VIP, A; LIBI, F, 2006).

cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe como locais onde se constroem projetos de poder.

Podemos perceber, que as questões linguísticas vão além da verbalização de palavras, mas também atingem um processo antagônico que dependerá de quem utiliza e como se utiliza.

A linguagem inclusiva de gênero, também conhecida como linguagem neutra, contribui para o não preconceito de separação por gênero e inclui todos (as\es\xs\@s).

*A linguagem inclusiva também representa uma contestação cultural à tradição do binário de gênero, isto é, a conceitualização rígida e dicotômica entre masculino e feminino que se fundamenta exclusivamente em dados biológicos e desconhece as origens eminentemente socioculturais da separação dos sexos que é, antes de mais, um construto que nada "natural". Assim como a linguagem politicamente correta, a linguagem inclusiva divide as opiniões de maneira bastante radical entre os/as que a apoiam abertamente e os/as que a ridicularizam. No Brasil, têm surgido algumas propostas, como o emprego, na escrita, do símbolo "@" ("@s médic@s e @s pacientes") ou de um "x" ("amigxs", "professorxs"), para evitar a distinção de gêneros morfológicamente marcada, com a defesa do uso mais intenso possível de fórmulas como "a pessoa" ou "as pessoas". A reação a essas propostas é claro indício da cultura política e do status das mulheres em cada sociedade (Bagno, 2017, p. 232-233, grifos do autor).*

Com as grandes mudanças para uma inclusão através da linguagem, percebemos que há diversas as demarcações (x, @, xs, es), movimento importante, pois além da comunidade LGBT, a visibilidade das mulheres é frequente nessas mudanças linguísticas. Isso rompe com binarismo de gênero, que segue dados biológicos e desconhece as origens sociais e culturais da separação dos sexos que não é uma construção natural.

Além dessas sinalizações, mesmos com grandes críticas, percebemos mais uma vez um processo de modificação e atualização da língua que está sempre em movimento e em processos de mudanças.

## **NHAIN MONA, ACABOU FOI?**

A comunidade LGBT+ utiliza uma variação linguística bem grande e diversa, que apesar de todo o preconceito linguístico, esse movimento de inclusão e



diversidade vem ganhando força a cada dia.

Consideramos que a comunidade LGBTQ+, e simpatizantes, nesse processo utilizam a linguagem inclusiva, o pajubá, e termos usualmente pejorativos que são ressignificados em um processo de resistência contra a hegemonia binária da sociedade.

A luta contra o preconceito, através das linguagens exemplificadas, ficou conhecida através das travestis, que mais sofreram na rua, e depois entre toda comunidade LGBTQ+. É necessário salvar as linguagens para verificar sua identidade. Quanto mais inserido e conhecendo amplamente as linguagens, mais protegidos são os membros da comunidade LGBTQ+.

Diante disso, as linguagens servem para resistir diante de uma sociedade binária, e o uso de termos específicos fazem com que discursos de ódio, discursos machistas e LGBTQ+fóbicos, sejam derrubados e ao negar ou atacar a linguagem inclusiva, pajubá e termos ressignificados, ataca-se, na verdade, todos que lutam por uma sociedade inclusiva e equânime. Ou seja, apaga-se a existência.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

DERRIDA, Jacques. **A lei do gênero**. Tradução: Nicole Alvarenga Marcello e Carla Rodrigues. TEL Tempo, Espaço e Linguagem, v. 10, n. 2, p. 250–281, 2019.

LAROUSSE, **Dictionnaire français-brésilien/brésilien-français**. Paris: Larousse, 2007.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SAPIR, E. 1961. **Linguística como ciência**: ensaios. Seleção, trad. e notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

VIP, A; LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.